

# Maré Viva

DIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 10 — PREÇO 3\$50 — 1/9/76

(Avençado)

COOPERATIVAS DE CONSUMO

## QUE SE PASSA NO «DOMUS»?

«Minha Senhora,  
Caro Senhor,

Habituais ou recentes frequentadores deste Supermercado Domus: Quando aqui entrastes pela primeira vez — e nas seguintes se as houve — facilmente se podem ter apresentado ao vosso espírito algumas destas interrogações:

— A quem pertence este Supermercado?

— Se fizer lucros, a quem irão eles beneficiar?».

Assim começa uma pequena brochura em cuja capa se podem ler dois nomes: DOMUS e UNICOOPE (União Cooperativa Abastecedora). Que são estas coisas?

Sabemos que o DOMUS é um Supermercado, situado em Espinho e também em Grijó. Mas não é um Supermercado qualquer. É uma Cooperativa de Consumo. É secção local de um movimento cooperativista de consumo, faz

parte de uma união de Cooperativas (cerca de 80) que é a UNICOOPE. Não é um supermercado qualquer.

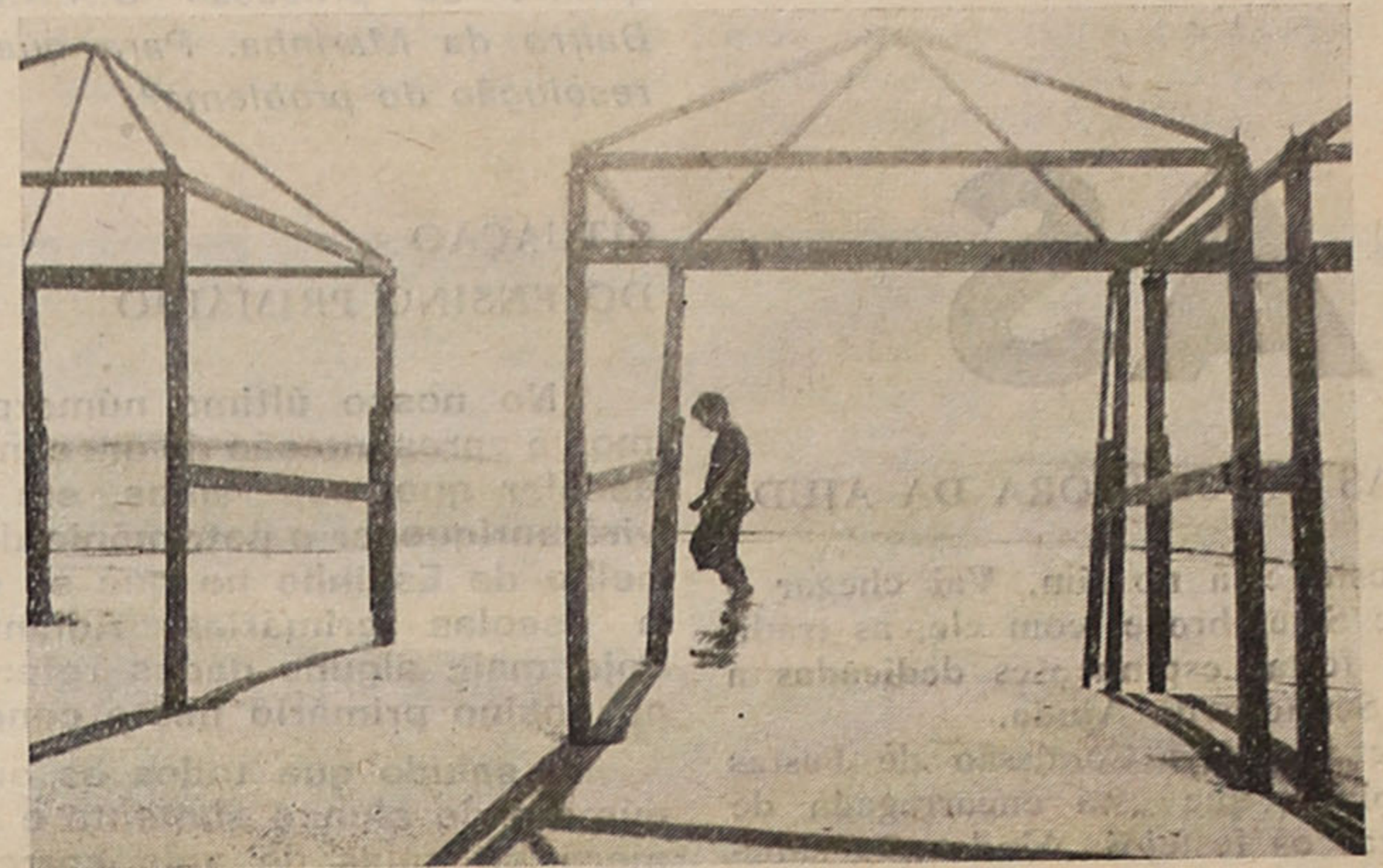
E o que é uma Cooperativa de Consumo? A referida brochura explica: «Cooperativa de Consumidores — uma associação aberta de pessoas, unidas na formação de uma sociedade que compra e distribui, entre elas, os bens de que todos necessitam para as suas vidas. Constituída desta forma, não tem a sociedade Cooperativa qualquer mira no lucro (...), preocupando-se tão somente na obtenção do preço justo, tão baixo quanto possível, evidentemente».

É isto que é o DOMUS. Isto é o que o DOMUS queria ser. Mas parece que nem tudo correu conforme se esperava. Vieram problemas. Surgiram queixas das pessoas. Dos associados, sobretudo. Problemas de organização? De finanças? Porque escasseavam alguns produtos?

Mas, então, que se passa?

(Continua na página 4)

## a outra face da cidade



O areal deserto, de aspecto desolador. O esqueleto das barracas. O mar desfazendo-se em espuma. Alguém arrastando-se, como que à procura de algo, vago, desconhecido. A outra face da cidade, a outra face dum verão que atrai a Espinho montes de pessoas, perturbando por completo os pacíficos costumes de todos nós.

Os comerciantes não têm mãos a medir para atenderem aos mais diversificados e estranhos pedidos dum tipo diferente de consumidor. Qualquer espécie de produto é absorvido sofregamente pelo poder de compra dos turistas. Máquina fotográfica a tiracolo, garridas camisas, crianças berrando pela mão, desejos incontidos de despejarem todas as contrariedades de onze meses, num único mês numa localidade diferente, num meio muitas vezes idealizado como um oásis, um local diverso, misto de sonho e realidade.

A praia transforma-se num enorme manto de pessoas, procurando um raio de sol, ou um pequeno espaço onde tomar contacto com a água salgada.

Espinho é na época estival, um exemplo típico do turismo, visto pelo prisma do comércio de atracções naturais ou fabricadas, pelo explorar de sensações que se chamam de diferentes, originais.

No entanto, uma praia despida de moldura humana, de sol, de burburinho. Armações de madeira, um vazio, um cortar do ritmo trepidante daquilo a que se convencionou chamar de férias.

A outra face de um verão que se vem repetindo ao longo dos anos, com algumas variantes, mas sempre ençarado como o escoar do subsídio de férias, o pretexto para alguns aumentarem os seus já volumosos lucros, outros para ganharem aquilo que no resto do ano lhes é praticamente impossível de conseguir.

A outra face duma cidade, que num abrir e fechar de olhos, se escoia de gente, e se transforma na eterna monotonia, numa inquietante e pernicioso resignação.

### DE SEMANA A SEMANA

## O DIREITO DE HABITAR

Todos os dias os jornais dão notícia, com títulos maiores ou menores, da concretização de acções de despejo. «Maré Viva» ainda na passada semana referiu um desses casos, que muito têm preocupado a população do país, mormente as camadas «mais desfavorecidas», por quem, lembramos, o M.F.A. arrancou na madrugada de 25 de Abril.

Entretanto, a situação continua a agravar-se, não se vislumbrando qualquer solução para breve, tanto mais que, numa das suas recentes reuniões, o Conselho de Ministros recusou uma proposta tendente a suspender os despejos. Segundo informação do ministro responsável pelo sector, irá ser feito um estudo sobre o assunto, estudo esse que «pode vir a resolver os problemas».

A qualidade de habitação é um dos factores mais importantes para avaliar o nível de vida de um povo, tanto no campo como na cidade. O Governo tem, concerteza, consciência disso, e dele se esperam, portanto, medidas decididas para enfrentar o problema. Medidas que deverão ter em atenção, primeiramente «as camadas mais desfavorecidas», por sinal as que, sendo maioritárias, permitiram, com o seu voto, a formação do I Governo Constitucional. Um Governo que se rege por uma Constituição cujo artigo 65.º começa: «Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada...».

## NOVIDADES NASCENTE

### Centro de Estudos em vista

Uma pequena nota no «Maré Viva» da passada semana, intitulada «Novidades Nascentes», foi o primeiro sinal público do que algo de novo se prepara na Cooperativa de Acção Cultural, cujo trabalho se tem vindo a fazer sentir desde há alguns meses. Podemos hoje adiantar mais pormenores acerca do assunto.

No título deste texto fala-se em «Centro de Estudos». Exacto. O que se pretende com esta iniciativa é criar algo do género de uma associação de educação popular, enquadrada nas actividades normais da Cooperativa, e cujo objectivo será o de facultar o acesso de trabalhadores-estudantes aos exames do ciclo, do 5.º e 7.º anos do liceu, bem como a eventual organização de cursos de alfabetização. Tudo isto enriquecido com o lançamento de séries de palestras, colóquios e cursos livres, sobre assuntos vários, ligados ou não às disciplinas dos diversos anos escolares.

É sabida a dificuldade que a maioria dos trabalhadores encontram para se promoverem culturalmente e, até, socialmente. Problemas de toda a ordem os impede de realizar sonhos que, por vezes, vêm já desde a infância em que se viram de repente na necessidade de serem mais um contributo para o magro orçamento familiar. Muitas vezes, esses problemas continuam, pela vida fora, a ser de ordem essencialmente económica, porque todos sabemos como as instituições comerciais que existem para corresponder a estas necessidades se fazem pagar com elevadas propinas.

A Cooperativa NASCENTE não tem intuídos lucrativos. Poderá por isso facilitar muito a vida aos interessados, neste como noutros aspectos. Por outro lado, sendo uma Cooperativa Cultural, tem um interesse

## PORQUE FALTA A CARNE?

Página 5

especial em que as suas iniciativas tenham alta qualidade. Tudo isto para dizer que aqueles que estão a arrancar com a ideia se preocupam em a fazer nascer com todas as cautelas, de forma a surgir uma obra de valor e que poderá vir a ser de grande significado para uma vasta região em que há tantos interessados em adquirir mais habilitações.

E porque o trabalho é difícil e delicado está ainda numa fase de arranque inicial, em que se fazem todos os estudos necessários para que uma vez começado tudo corra bem. A Cooperativa precisa, portanto, de saber qual o interesse que teria a criação

de um tal Centro de Estudos. Por isso se comunica a todos os interessados, a todos os que queiram mais informações que procurem as pessoas ligadas à iniciativa todas as noites, das 21.30 às 23 horas, na rua 62 - 251-1.º, ou que telefonem no mesmo horário para o 921621. Poderão assim ter uma melhor ideia do que se pretende e mostrar o seu interesse em vir a aproveitar das vantagens que o Centro lhes dará. De outra forma, se os interessados não se manifestarem, a Cooperativa terá de concluir da inviabilidade da iniciativa, pondo de lado uma ideia que poderá vir a ter um alto impacto na região.

# NO TI CI AS

## FESTAS DA SENHORA DA AJUDA

Agosto está no fim. Vai chegar o mês de Setembro e, com ele, as tradicionais festas espinhenses dedicadas a Nossa Senhora da Ajuda.

Este ano é a Comissão de Festas de Espinho que está encarregada de organizar os festejos. Ainda não sabemos completamente de que vão constar, mas podemos já adiantar uma particularidade que julgamos nova: haverá algumas manifestações desportivas integradas no programa. Assim, teremos por exemplo:

— Sábado, dia 18 — Circuito ciclista, com a presença de alguns nomes importantes no panorama nacional.

— Domingo, dia 19 — Corrida da légua, com características populares, aberta a toda a gente.

— Segunda-feira, dia 20 — Deverão efectuar-se dois jogos de futebol, um deles entre equipas femininas e outro entre o S. C. Espinho e um grupo nacional de primeiro plano.

Estas serão algumas das realizações. Procuraremos estar atentos e fornecer outras notícias sobre as festas, logo que nos seja possível.

### ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ESPINHO

Informam-se todos os alunos interessados que vai funcionar na Escola Industrial e Comercial de Espinho um curso intensivo de *Português*, dos Cursos Gerais, com início no dia 1 de Setembro próximo com o seguinte horário:

2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> das 10 às 12 horas.

### CURSOS INTENSIVOS — LICEU

Quanto ao funcionamento dos cursos intensivos no Liceu, e na continuação dos que funcionaram no passado mês de Julho, julgamos saber que ainda não está prevista a data do seu início, registando-se mesmo algumas dificuldades com a sua organização, dado colidirem com os exames de segunda época e não se terem ainda determinado os professores que os possam ministrar.

### POLÍTICA DE HABITAÇÃO

Conforme noticiámos, em primeira mão, no nosso último número, vão ser construídas no concelho de Espinho 40 casas prefabricadas. Podemos hoje adiantar que, ao que parece, essas casas ficarão situadas em Silvalde, num terreno próximo do Bairro Piscatório, e em Paramos, na zona da Praia. Segundo informações ainda não totalmente confirmadas, 16 delas serão atribuídas a desalojados e as 24 restantes a outras camadas da população.

Portanto, o panorama habitacional do concelho parece ir melhorar, conforme temos vindo a noticiar. Mas continuamos sem informações novas quanto ao processo S.A.A.L., no Bairro da Marinha. Para quando a resolução do problema?

### SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMARIO

No nosso último número fizemos a apresentação de um complexo escolar que, esperamos, em breve virá enriquecer o património do concelho de Espinho no que se refere a escolas primárias. Adiantamos hoje mais alguns dados referentes ao ensino primário neste concelho.

É sabido que todos os anos o número de alunos aumenta e o número de salas de aula correspondente não parece acompanhar o ritmo de crescimento da população escolar. Assim, para o ano lectivo de 1976-77 encontram-se matriculados, nas duas fases de que consta o ensino primário, cerca de 3.300 alunos, divididos por 32 salas, o que dá uma frequência média de 51 alunos por sala, em regime de desdobramento (manhã e tarde). Está-se, portanto, ainda muito longe da ambição pedagógica das turmas de 20 alunos.

Como acabam este ano a 2.<sup>a</sup> fase (ex-4.<sup>a</sup> classe) 651 alunos, e uma vez que se prevê uma entrada para a 1.<sup>a</sup> fase de um número superior ao dos que acabaram, o crescimento far-se-á sentir novamente este ano. Quanto a salas de aula para acompanhar este aumento da população escolar, está já prevista a instalação de prefabricados em Paramos, Esmojães e Espinho, a exemplo do que já se fez no ano passado.

De tudo isto resulta clara a importância de que se reveste a construção do complexo escolar que apresentamos na passada semana e a necessidade de serem ultrapassados rapidamente todos os problemas que têm atrasado a sua construção.

### CENTRO DESPORTIVO E CULTURAL DA COTESI

Conforme já havíamos noticiado, os trabalhadores da COTESI viveram no último domingo um dia de festa com a inauguração das instalações do seu Centro Cultural e Desportivo.

Esta associação constituída em Dezembro último, tem por objectivos a promoção cultural dos trabalhadores e a criação de condições para a prática do desporto.

Foi por isso, com justificado júbilo que os trabalhadores daquela empresa

# FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE EM ESPINHO

Aproveitando a deslocação a Portugal dos três grupos folclóricos estrangeiros, participantes no XII Festival Internacional de Folclore de Gulpilhares, a organização do mesmo achou por bem fazer deslocar a diversas estâncias turísticas do Norte e Centro do País o elenco participante do referido festival, com vista a representações que mostrassem ao público português a variedade do folclore dos países representados: Bélgica, Jugoslávia, Turquia e, naturalmente, o consagrado Grupo Folclórico de Gulpilhares em representação de Portugal.

Uma dessas actuações aconteceu em Espinho, na segunda-feira, dia 23, pelas 22 horas, no pavilhão do Sporting local. O colorido e a novidade do espectáculo, a juntar-se aos preços populares praticados, concorrem para uma enchente do recinto.

A hora estipulada para o início do espectáculo, o apresentador, presidente do Grupo Folclórico de Gulpilhares, anunciou a entrada dos primeiros actuantes, os componentes do grupo folclórico «Le Réveille Ardennais», de Stavelot, na Bélgica.

Com uma média de idades que ronda os 50 anos, este agrupamento executou danças da sua terra, as Ardenas belgas; predominaram os «minuettes», as «quadrilhas» e as «rodas», de inspiração vária. Os homens trajavam «opas» roxas, por cima de calças pretas, e, na cabeça, um boné preto. As mulheres, de vestido cor de vinho traziam na cabeça um chapéu de palha.

De actuação sóbria mas alegre (recebeu a maior salva de palmas da noite), é de salientar neste agrupamento a vivacidade e alegria dos seus componentes, mau grado a idade já não ser a mais própria para estas «andanças».

Seguidamente apresentou-se o rancho de Gulpilhares, com um grande elenco e instrumental elevado. Dançou «viras», «malhão», danças regionais, como a «Tirana» e «Rebela».

Como a maioria dos grupos folclóricos portugueses, o de Gulpilhares acompanhava-se cantando e tocando, numa profusão de ritmos, desde as danças lentas até ao mais vivo dos «viras». Com os seus trajes coloridos, embora sóbrios no talhe, evocadores das gentes dos campos, o Grupo Folclórico de Gulpilhares teve uma actuação bem diferente das que preencheram o resto da noite, evocando, na sua alegria, o País latino que somos.

Em terceiro lugar actuou o grupo representante da Jugoslávia, o «Folklorin Anzamlz», grupo de danças e cantares da cidade de Trogir, na região da Dalmácia.

Por si só os jugoslavos poderiam ter feito o espectáculo, pois apresentaram uma actuação demasiado longa para um festival que incluía quatro grupos. Sendo os seus componentes na sua maioria estudantes universitários, este grupo apresentou-se não como um rancho folclórico vulgar, mas com nível artístico superior e uma execução de alto nível. Pôs em cena vários grupos totalmente diferentes que poderiam ser outros tantos grupos folclóricos.

Interpretaram não só danças da Dalmácia, como de toda a Jugoslávia; este facto deu um colorido muito diverso à actuação deste grupo, pois é sabido que a Jugoslávia compreende povos eslavos, muçulmanos não deixando no entanto de ser, pela sua situação geográfica, um país mediterrânico.

Igualmente o grupo coral foi muito aplaudido pela assistência.

Nos fatos predominavam os tons azul, vermelho e branco, sendo de salientar a riqueza dos trajes das raparigas quer na dança que executaram sem par, quer na majestosa dança final.

Já a hora ia bastante adiantada (mantendo-se no entanto o público nos seus lugares), quando entrou o agrupamento turco, originário de Istambul e composto na sua totalidade por estudantes universitários.

Depois da sobriedade belga, da alegria portuguesa, da majestade jugoslava, tivemos ocasião de presenciar o exotismo deste grupo dum País cheio de tradições como é a Turquia.

O instrumental, quase desconhecido entre nós, despertou a nossa atenção. Foi além disso o grupo mais acrobático, apresentando danças de elevado significado representativo, executou danças de toda a Turquia e também nele se notou uma grande riqueza quer no vestuário, quer na coreografia apresentada.

Eram quase duas horas da manhã quando se deu por terminado este espectáculo que teve este «senão» numa organização meritória; outra falha foi o som, que reduziu a zero as explicações do apresentador.

Positiva esta organização conjunta do Grupo Folclórico de Gulpilhares e da Comissão de Festas da Cidade de Espinho, a preencher uma noite de Verão dos espinhenses que encheram o Pavilhão do Sporting de Espinho, proporcionando a quem assim o desejou um contacto com representantes de povos que não se «acham» todos os dias.

## FARMÁCIAS

- QUARTA — Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320
- QUINTA — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092
- SEXTA — Farmácia Teixeira  
Rua 10 n.º 46 — Telefone 920352
- SÁBADO — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331
- DOMINGO — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250
- SEGUNDA — Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320
- TERÇA — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

## MARÉ VIVA

### SEMANARIO

Propriedade: NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251 - 1.º  
Telef. 921621

### ESPINHO

#### Director

António A. Santos

#### Fizeram este número:

Ana Maria — Antero Monteiro — António Letra — António Santos — Ema Letra — Fausto Neves — Fernando Campos — Joaquim Fidalgo — Jorge Catarino — José Carlos — Laura Gajo — Márcio Cadoso — Morais Gajo — Vitor Sousa.

#### Colaboração especial:

Alberto Barbosa — Ângelo Frade — Carlos P. de Morais.

Composição e Impressão  
Oficinas Gráficas  
da Casa Nun'Alvares — Porto

## DROGA

### Dois pontos de vista

Jorge de Jesus Silva, de 19 anos, sem profissão e sem residência certa, foi preso e acusado de possuir material vário, próprio para a utilização de droga. Levado a Tribunal, acabou por não ver a sua situação resolvida, saindo em liberdade à espera de julgamento, dado que o Vice-Presidente da Câmara, desempenhando as funções do Juiz ausente em férias, entendeu não poder julgar uma questão que os próprios Juizes têm dificuldade em abordar. E isto devido à situação particular das disposições legais aplicáveis a casos destes, em que não se tratava de tráfico, mas sim de consumo, apenas.

Perante este caso, são várias as reacções possíveis. A mais primária será pôr as mãos à cabeça por se permitir a liberdade a um indivíduo nestas condições. Liberdade que até poderá ser usada para se continuar a drogar. E perguntar-se-á, angustiadamente, se será esta a forma de combater «o flagelo da droga».

Mas tentemos fazer uma aná-

lise um pouco mais profunda da questão, o que até nem é difícil. Reparemos, por exemplo, na identificação do detido: **19 anos, sem profissão e sem residência certa.** Caso para perguntar: irá este jovem continuar com plena liberdade para permanecer sem uma formação profissional, sem um emprego? A Constituição, no seu artigo 70.º, é bem clara quando refere, na alínea B, o direito dos jovens à formação e promoção profissional. Esse artigo, que esboça as bases de uma política de juventude, prevê que «os jovens gozam de protecção especial para efectivação dos seus direitos económicos, sociais e culturais».

Enquanto o «presente verbal» usado na redacção do artigo não for presente na realidade quotidiana do nosso País, de pouco valerão as preocupações moralistas daqueles que não vêm, ou não querem ver, mais longe do que os muros duma prisão para resolver questões tão complexas como é a droga.

## S. Paio de Oleiros

### A Festa a Nossa Senhora da Saúde

1 — «AS FESTAS DOS CRISTÃOS» — Com este título foi distribuído na missa de 22 de Agosto, incluída no programa das festividades a Nossa Senhora da Saúde, um comunicado da «Equipa Presbiterial em S. Paio de Oleiros». Começando por reconhecer a necessidade de se fazer festa na vida das pessoas e o dever de cada um a promover, interroga os cristãos sobre «que festa fazer».

Diz não à festa em que o homem é puro comprador ou espectador, em que há interesses do lucro ou gastos inúteis de dinheiro — «dinheiro que serviria para criar condições de festa à vida das pessoas».

Rejeita as festas como forma de alienação, atribuindo às festividades cristãs características próprias — aquelas onde se não favorece a exploração, em que se não fomenta a ignorância, em que se não faz da Igreja «casa de negócio» — e distinguindo destas as festas profanas «que não têm nada que se servir do religioso».

Não nega a ninguém o direito de fazer uma festa — por exemplo, uma festa de freguesia — mas considera inadmissível que tenha de estar ligada à Igreja, transcrevendo palavras de Isaías, em que o Senhor mostra horror aos sacrifícios, oferendas e promessas.

Convida os cristãos a substituir essas promessas a Deus pelo «esforço de cada dia por realizar a Sua vontade, o Seu plano de salvação» e de seguir Maria «na tarefa de levar a saúde, a salvação a todos os homens a começar pelos que vivem à nossa volta».

Este comunicado, embora falho de soluções concretas, parece trazer grandes achegas para reflexão dos oleirenses e incentivo a uma séria revisão do que tem sido a festa da Senhora da Saúde.

Claro que o folheto não tocou a toda a gente. Há sempre aqueles que «comem tudo» e que resolveram também, neste caso, apanhar o maior número de comunicados para que os outros ficassem em jejum. Parece, no entanto, que

acharam o almoço um tanto ou quanto indigesto...

2 — A PROCISSÃO — Aí vem a procissão! A cruz abre o cortejo. No entanto, há quem prefira que, à frente, vão os cavalos!

Aí estão os anjinhos! Aquele é o Anjo da Guarda, que vem guardado pela mamã ou então pela vóvó.

Os senhores da festa dão as ordens. Alguns correm lá adiante para suster os apressados. Voltam atrás para apressar os atrasados. Abriu-se uma brecha imensa. Qual terá sido o andor que não compareceu?

Ah! mas aí vem o Senhor dos Desamparados nos costados dos soldados em camuflados (onde estará o inimigo?).

Na borda dos caminhos, apinham-se os crentes e os descrentes. Uma velhinha ajoelha quanto passa o Santo António, o padroeiro. Quanto ao S. Paio não o conhece de lado nenhum!

Vêm as oferendas: meninos de cera, pezinhos de cera, dedinhos de cera, tudo muito ceráceo e seráfico. Toda uma família traz num lençol uma escultura de cera do tamanho da menina doente. Hoje há que atender à Senhora da Saúde. Amanhã é a vez de fazer a vontade à bruxa, que se visita com regularidade. Hoje é preciso comprar aqueles quilos de cera para pagar a promessa. Amanhã não haverá dinheiro para comer e a menina doente passará fome. Já não chega a doença da menina. A Senhora quer que se faça ainda mais sacrifícios. Assim seja!... A Senhora quer que se ame mais o próximo e que a justiça e a paz iluminem o mundo. Assim não seja! Para o programa de amanhã já está prevista uma discussão com os vizinhos!

E a procissão continua. Eis a banda em compasso marcial, arrastando atrás de si ladainhas choradinas, lágrimas quentes dos crentes. É o povo anónimo e a fé de um mundo melhor! É a desgraça dos enfermos, das viúvas e dos órfãos desfilar como um cancro que se expõe!

## ANTA

### Anta quer um lavadouro

Anta agita-se em torno do problema. As mulheres estão em «pé de guerra». A reportagem do «Maré Viva» teve à sua espera uma mobilização geral e veio com o pesado encargo de fazer saber o que se passa.

Que se passa então?

Passa-se que as gentes de cinco lugares: Quinta, Congosta, Souto, Estrada e Escola, da freguesia de Anta, viram secar o lugar onde lavavam roupa.

E não só:

— Há pessoas que não têm água para lavar, há quem não tem água para se lavar e cozinhar.

— Mandam lavar as mãos antes de comer, por causa da cólera, e a gente nem água tem para fazer o comer, quanto mais para lavar as mãos.

mo sítio, surja um tanque para que de novo a alegria daquele convívio popular possa surgir.

A origem do problema vem do tempo do fascismo. Algum tempo antes do 25 de Abril, os S.M.E. projectaram fazer uma captação de água no rio do Benfeito, obra que permitiu melhorar bastante o abastecimento da cidade, e cujo valor não pode ser posto em causa. Para isso tornava-se necessário represar o rio, junto da estrada que liga Anta à Idanha, portanto a montante da passagem conhecida por Rio da Pedra, local onde era uso as pessoas dos lugares já citados lavarem a roupa. Foram afixados, na Junta, editais alertando os eventuais interessados para reclamarem caso a obra os prejudicasse. Claro que nesse tempo era difícil, ao povo, chegar-se à Junta e, muito mais



Rio da Pedra: Acompanhados do Presidente da Junta, gente de Anta, testemunha a reportagem do «Maré Viva»

Daí juntaram-se, elegeram uma comissão formada por mulheres de cada lugar, foram ter com o presidente da Junta e com este desceram ao centro da cidade (alguns dos lugares ficam dentro da cidade), a dizer de sua justiça.

Alguma coisa conseguiram: está assente que irá ser levada àqueles lugares, a água encanada. Isso é um grande melhoramento. A promessa vai ao encontro de uma profunda aspiração do povo, mas não chega. Demora tempo a tornar-se realidade e a necessidade é premente.

Além disso:

— Todas as freguesias têm um tanque. Algumas, até dois. Porque é que, aqui, mesmo no limite da cidade...?

Ali, mesmo no limite da cidade, o povo tem os seus hábitos. Viu desaparecer a água, no sítio onde se juntava para lavar. Agora quer que o mal seja reparado. Quer que, no mes-

reclamar. Os próprios presidentes eram pessoas desligadas do povo e portanto não lhes interessava explicar o que se ia passar. Assim a maior parte da população só deu pelo problema, quando a água deixou de correr — para lavar, para regar os campos, para mover as mós.

E agora que fazer?

A população compreende perfeitamente que a água que lhes foi retirada está a ter um melhor aproveitamento. O que não entende é porque os seus interesses foram esquecidos. Porque se lhes tirou a água primeiro, e só depois se pensa em fornecer-lhes água encanada. Porque, no tempo do fascismo, era tão desprezada. Mas não fica à espera, a carpir o passado. Enquadrada pela actual Junta, propõe soluções concretas:

QUE A DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA AO DOMICÍLIO CHEGUE RAPIDAMENTE.

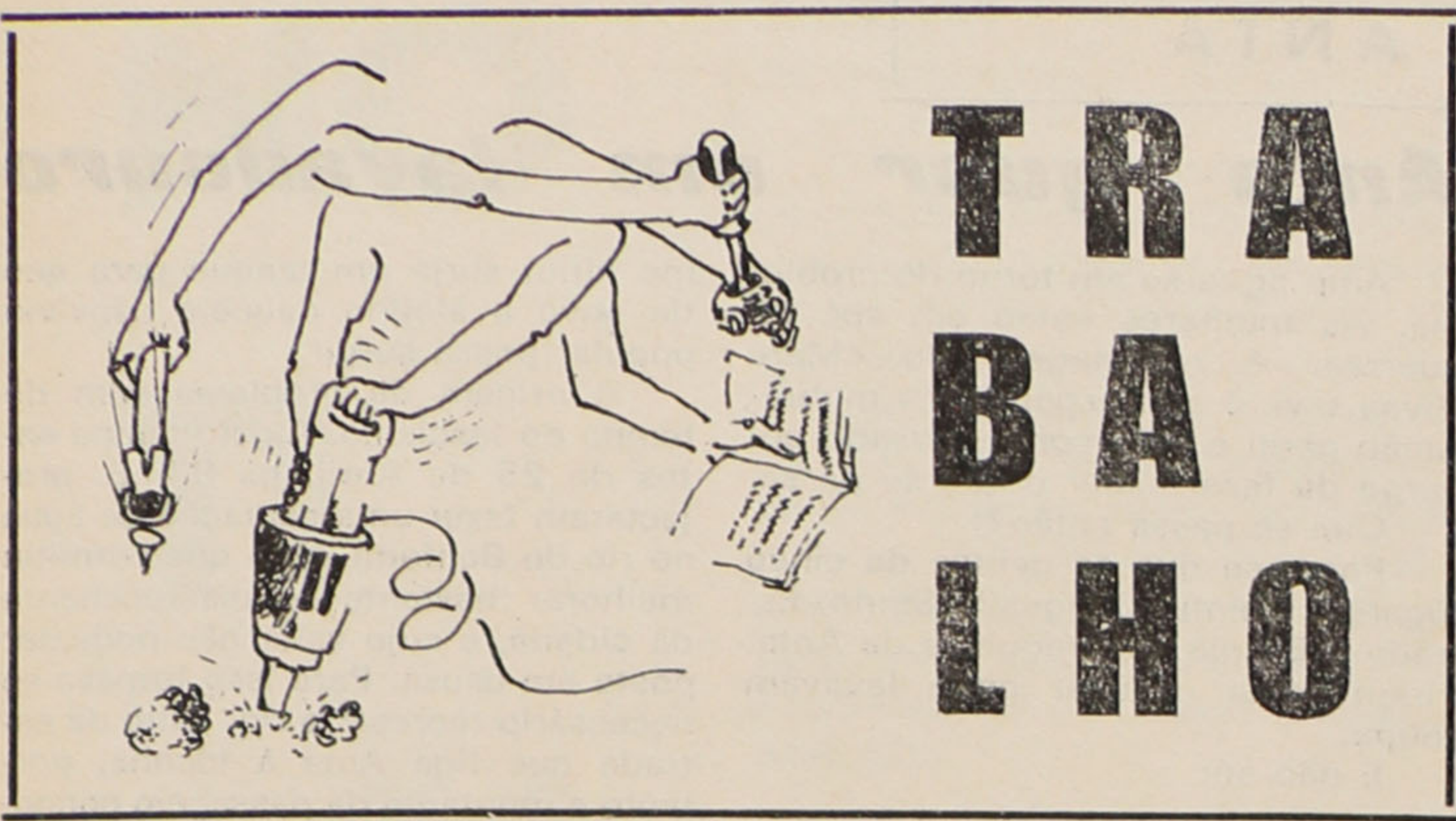
QUE NO RIO DA PEDRA SEJA CONSTRUÍDO UM LAVADOURO PÚBLICO E UM POÇO PARA LHE FORNECER ÁGUA.

Para estas obras não regateará trabalho. Para que as entidades competentes as ponham a andar, está disposta a tudo. Desde já, juntou-se a receber a reportagem do «Maré Viva» — para que o «Maré Viva» saiba e faça saber!

Lá no meio, porém, como um insulto, vai também, alegando, aquele que despediu uma operária há um ano e a quem ainda não indemnizou:

— Amen! Amen! Que tudo continue como até aqui e o teu mundo, Senhor, será perfeito!

A procissão já passou... Depois dela, o que ficou modificado?



# TRABALHO

## Má administração paralisa Fábrica de tornos de alta qualidade

A fábrica S.M.O.L. em Ovar emprega cerca de 70 trabalhadores metalúrgicos, muitos habitando na nossa região, que ali produzem máquinas-ferramentas de alta qualidade. Está paralisada desde o passado dia 23 por falta de pagamento dos salários e não só.

Não é esta a primeira tomada de posição daqueles trabalhadores. Já antes do 25 de Abril, sob intensa repressão da P.I.D.E. e da G.N.R., eles souberam unir-se e lutar contra a incapacidade administrativa de quem geria a firma. De facto, a empresa, que cresceu e criou créditos no mercado devido à competência dos seus trabalhadores e à dinâmica da administração do seu fundador, viu a sua situação agravada depois da morte daquele e passagem da gerência para um seu genro que acabou, em Fevereiro deste ano, por abandonar a firma. A partir daí, sob administração da sua esposa, que é a primeira a reconhecer-se incapaz, a situação precipitou-se: o dinheiro faltou, a mercadoria não sai por falta de matéria prima para acabamentos, a produção de novas máquinas de grande procura no mercado, não arranca por falta de financiamentos.

Note-se que não chegaram à firma 3.000 contos, obtidos por intermédio do I.A.P.M.E., por obstrução da administração a que se fizesse a necessária sindicância.

Por tudo isto os trabalhadores, para além dos pagamentos em débito — vencimento de Julho e Agosto, subsídio de férias, e diferenças salariais — põem como condição para regresso ao trabalho, uma deliberação do Governo que assegure a continuidade da empresa.

Para essa deliberação os trabalhadores e o seu Sindicato sugerem a nomeação de uma Comissão de Gestão por parte do Estado para substituir a actual gerência que se revela incompetente e ruínoza. Sugerem ainda um financiamento bancário que permita aumentar e modificar a gama de produção, e que sejam iniciados os estudos necessários para uma possível nacionalização de todo o sector, que consideram de grande interesse social e económico.

Estas sugestões estão contidas numa exposição na posse do Governo, pelo que não deve tardar uma resolução. Procuraremos dar mais notícias.

### MOSELOS

## No «Relvas» mudança de patrão paralisa a fábrica

O sr. Vitorino Relvas Coelho, gerente e dono de uma fábrica de estruturas metálicas e chapa ondulada que emprega cerca de 40 trabalhadores, em Meladas, Moselos, começou, de há uns tempos para cá, a deixar de aparecer na firma. Como o mesmo senhor está a construir uma fábrica do mesmo ramo, na Maia, e andava a contactar, particularmente, alguns dos seus empregados, com vista a transferi-los para lá, os seus trabalhadores começaram a desconfiar que algo se passava e alertaram o seu Sindicato — Sindicato dos Metalúrgicos. Este o início da situação que levou à paralisação da empresa, na passada segunda-feira, dia 23.

O que se passava é que o sr. Relvas passara a empresa. Tomou-a o sr. Amadeu Tavares Sequeira que possui, na mesma zona, uma fábrica de afamados colchões, em sociedade com o sr. Eduardo Rios, retornado. Esta mudança no leme da firma, que pelos vistos era para ser secreta, não agradou muito aos trabalhadores por diversos motivos, (razões salariais, questões de ambiente de trabalho, etc.) que os levam a desconfiar do novo patrão.

a gerência do sr. Vitorino, estavam a usufruir dos salários previstos na Portaria de Regulamentação do Trabalho para a Indústria Metalúrgica, enquanto que, aos trabalhadores metalúrgicos da fábrica que o sr. Amadeu já possui tem sido negado esse direito. Por outro lado o sr. Amadeu teria andado a fazer averiguações para saber quem eram os «revolucionários» dentro da firma de que fizera aquisição.

Ao mesmo tempo, o sr. Vitorino ora justificava a sua ausência da firma com «motivos de saúde», ora se recusava a resolver problemas correntes de administração, dizendo que aquilo já não era nada com ele. Com o fim de clarificar a situação, foram convocadas reuniões para a delegação do Ministério do Trabalho, às quais o sr. Vitorino não compareceu, o que mais fez avolumar a apreensão dos seus empregados.

Finalmente, no passado dia 23, foi convocada uma reunião de trabalhadores, que contou com a presença de um dirigente sindical e à qual deveria comparecer o patrão. Este não compareceu. Os trabalhadores paralisaram a firma.

(Continua na página 7)

# QUE SE PASSA NO «DOMUS»?

(Conclusão da 1.ª página)

O problema é importante. Estão em jogo os trabalhadores empregados no DOMUS de Espinho e Grijó. De certa maneira, estão em jogo as centenas, talvez milhares de trabalhadores que fazem parte da UNICOOPE. Estão em jogo Cooperativas de Consumo, o que é grave, pois todos temos consciência da tremenda importância do movimento cooperativista na luta contra uma sociedade dominada pela especulação, pelos intermediários, pela mira do lucro. Sabemos como estas cooperativas podem ser decisivas na defesa dos consumidores, na simplificação dos circuitos de comercialização, na vigilância e justeza dos preços, enfim, no combate àquela «pequena» exploração quotidiana que a todos nos toca.

Dada a importância do problema, assim como o facto de interessar a muita gente na região (particularmente em Espinho e em Grijó), fomos saber mais profundamente o que se passava. Aqui ficam os principais elementos de uma longa conversa com o sr. Olindo Moutinho, encarregado do estabelecimento DOMUS de Espinho.

### QUANDO NASCEU, COMO NASCEU, PORQUE NASCEU...

— Vamos então falar um pouco do aparecimento do DOMUS cá em Espinho, da sua história...

— O DOMUS de Espinho, que é uma secção local da UNICOOPE, nasceu em Fevereiro de 1972. A ideia inicial seria fazer uma Cooperativa de Empresa, para os trabalhadores da «Corfi», como há por exemplo na «Fosforeira». Houve contactos com a UNICOOPE, e tentou-se então esclarecer os trabalhadores de que seria mais viável um outro género de cooperativa, na forma de supermercado aberto a todos os consumidores. Aliás, na altura já havia outras experiências. As pessoas puseram-se de acordo, e mesmo as «cúpulas» (de quem a iniciativa também terá partido) certamente viram que não ficavam a perder nada com a ideia. Assim arrancou o DOMUS, logo com cerca de 300 sócios, embora sem qualquer trabalho de base para angariação de sócios de todas as proveniências e para esclarecimento da iniciativa.

Houve um grande impacto no início, pois era o primeiro estabelecimento no género e os preços eram bons. Os sócios subiram a mais de 500 e o movimento era grande. Lá pelo 2.º ano as coisas começaram a decair. Porquê? Antes de mais, um motivo de fundo: uma sociedade capitalista não tinha grande interesse em colaborar com o movimento cooperativo. Alguns fornecedores tentaram fazer pequenos boicotes. Surgiram novos supermercados na região e os fornecedores apostaram mais peles. Mas uma das razões que mais terá levado os sócios a queixarem-se e a abandonarem foi a seguinte: tinha sido prometido a todos os sócios (e isso era a grande diferença entre eles e os meros consumidores) que no fim do ano receberiam um bónus, um chamado «retorno», proporcional ao volume das suas compras. Isso seria feito no caso de haver saldo positivo, o que não aconteceu. E não se deu o bónus. Daí surgem as interrogações: então que vantagens há em ser sócio da Cooperativa?

— E que resposta deram vocês a essas interrogações?

— Não podíamos dar grande res-

posta, a não ser que a Direcção estava sinceramente empenhada em atingir o prometido. Mas todos nos sentíamos impotentes para resolver o problema. E depois havia a inflação, o aumento do custo de vida, o aumento enorme da gasolina e do gasóleo que nos levou a diminuir as entregas ao domicílio, o que por sua vez veio a descontentar ainda mais gente...

A situação começou a ficar realmente difícil.

### UMA CRISE QUE JÁ VEM DE 1974

Em 1974 o Governo concedeu um pequeno auxílio, que se revelou insuficiente, mas prometeu mais para o futuro. Iniciaram-se estudos bastantes completos para proceder a um saneamento económico-financeiro da empresa. Uma série de elementos foi apresentada ao Governo, que mais tarde nos pediu uma clarificação da empresa, já que a UNICOOPE desempenhava ao mesmo tempo função de Cooperativa de 1.º e de 2.º grau. Essa clarificação foi feita na nossa última Assembleia Geral, já este ano.

— Parece que essa Assembleia marca por assim dizer o momento em que os trabalhadores resolveram começar a agir, em ordem a solucionar o problema...

— Sim, de certa maneira. Nessa Assembleia foi decidido que a UNICOOPE seria União de Cooperativas, e apontou-se para a reconversão das secções locais (como a de Espinho, por exemplo) em cooperativas de base, autónomas, independentes, embora não separadas umas das outras. Esta medida tem um alcance enorme. A partir disto, cada secção será uma Cooperativa, com os seus órgãos próprios a poder deliberar e resolver as coisas, talvez com as pessoas mais mobilizadas e interessadas, e poderá ainda receber todo o apoio da UNICOOPE, que para isso tem já toda esta máquina montada.

Dessa Assembleia Geral saiu um grupo de trabalho (com representantes dos trabalhadores, das comissões locais, dos armazéns e dos serviços administrativos) encarregado de estudar a reconversão dos DOMUS. Entretanto, nas primeiras reuniões sentiu-se uma certa dificuldade quanto ao andamento dos trabalhos. Ora as coisas continuavam a agravar-se, as mercadorias faltavam, os salários não eram pagos aos trabalhadores na devida altura e tudo isso gerava um ambiente de inquietação e intranquilidade que necessariamente se reflectia até no funcionamento dos serviços. Vendo a corda na garganta, os trabalhadores resolveram mexer-se.

### SE VIER AUXÍLIO DO GOVERNO...

— Como tentaram resolver a situação?

— Além do já referido trabalho de reconversão, isto só tinha uma possibilidade de saída: apoio do Governo, apoio técnico-financeiro. Lá fomos junto dos organismos competentes do Governo, pressioná-los no sentido de darem resposta ao processo que a Direcção já vinha tratando. Isto é uma empresa que não se deve perder. É preciso salvá-la; há uma máquina já montada que não deve ser destruída, pois tem possibilidades. Apesar dos problemas do momento, estou fortemente esperançado

(Conclui na página seguinte)

## Como vai o negócio?

# Comércio de verão

No Verão, as pessoas afluem em grande número a esta cidade, superlotando o areal, a avenida, a esplanada. Surgem então, negócios do momento, de oportunidade, sem serem provenientes de grandes redes industriais e comerciais, sem estarem apoiados no circuito económico normal. Dois dos nossos entrevistados constituem o exemplo típico do vendedor ambulante, sentados no chão, expondo os seus produtos, esperando que os clientes sejam atraídos por um íntimo desejo de possuírem algo de exótico, de estranho. Não possuem estabelecimento, com montras e balcão, apenas o ar livre, os cruzamentos, os passeios, a esplanada.

Os outros dois, têm o seu estabelecimento, mas estão sujeitos às contingências, os caprichos, já que vendem não produtos de primeira necessidade, mas recordações, objectos sujeitos à vontade de cada um. O Verão, naturalmente, com afluência de turistas, favorece este género de comércio. Pegámos então no gravador e fomos perguntar: «Como vai o negócio?».

Em primeiro lugar, uma casa de objectos de verga, na Rua 23, abaixo da linha. Ouvimos o proprietário:

— «O mês em que se vende mais é o mês de Agosto. No Inverno fazemos pouco negócio. No Verão o movimento é muito maior. A nossa clientela é constituída essencialmente por emigrantes, que nesta época do ano vêm passar férias à sua terra».

Bolas, bonecas, automóveis, objectos da mais variada forma e estilo. Uma vendedeira ambulante, na esplanada, junto à Rua 23.

— «Só vendo na esplanada. Os brinquedos e os artigos de plástico têm-se vendido muito, tanto em Ju-

lho, como em Agosto. Em relação aos anos anteriores, nota-se um aumento de clientela, já que está cá muito mais do que nos anteriores, nota-se um aumento de gente e com mais dinheiro».

Colares, medalhões, braçadeiras, expostos no passeio da esplanada aos olhares curiosos. Mas vende-se muito ou pouco?

— «Hoje o negócio vai mesmo fracote, talvez devido ao mau tempo que impede as pessoas de virem à praia. Aos fins-de-semana, principalmente ao domingo, observa-se uma grande afluência de pessoas. Começamos há meses, vendemos bugigangas feitas por nós próprios, e passando esta época faremos outros géneros (colares, medalhões, etc.). E é tudo...».

Um Quiosque com chocolates e revistas. Guloseimas e leitura de lazer. O proprietário dá-nos as suas razões para o que considera mau negócio.

— «Pior que o ano passado. Sou agente da «Regina» e vendo revistas usadas e novas. A venda é muito menor que nos outros anos, talvez por que a grande afluência de retornados, ocupando casas e pensões, impede o alojamento de mais turistas. Por outro lado, a juventude é desviada por outros polos de atracção, não se interessando tanto por coisas deste género. Mesmo assim, é no mês de Agosto que se vende mais».

Negócio de Verão, comércio e turismo, bugigangas, amuletos, turistas, vendas de ocasião. Registadas algumas opiniões. Apontada uma mínima parte do comércio que anda interligado ao conceito de turismo.

## NO «DOMUS»

(Continuação da página anterior)

que tudo se vai resolver e que o movimento cooperativista ainda terá muito que dar. Estão bem encaminhados os contactos com os Ministérios do Trabalho, do Comércio Interno e das Finanças. Continuaremos a fazer pressão, a lembrar às entidades governamentais que a situação é muito grave e... muito urgente para nós, trabalhadores.

— Os sócios têm andado um pouco desanimados e mesmo desmobilizados. Aliás, seria de prever tal situação, com uma crise destas. Mas no futuro, como vai ser?

— Bem, os sócios queixam-se e têm razão. Eles vêm cá comprar; se não encontram os produtos, claro que não gostam. Mas terá que haver certa compreensão. Para isso é que nós somos um movimento cooperativo: também para as alturas difíceis. Atravessamos uma crise grave. Faltam-nos produtos. Temos dívidas. A situação deteriorou-se a tal ponto que os fornecedores se retraem e fazem exigências que não eram habituais. O abastecimento é difícil. E tudo isso se vem a reflectir. Nós, os trabalhadores, estamos atentos e sentimos muito o problema dos consumidores em

geral e dos associados em particular. Sentimos o seu problema e estamos seriamente empenhados em o resolver. Só lhes pedimos aquele mínimo de cooperação, que se mantenham unidos e esperançados, que não desmobilizem, que não deixem de comprar tudo aqui só porque faltam alguns produtos. Se todos colaborarmos, julgo que resolveremos a crise. Se começarmos a debandar, então nunca mais haverá uma solução e isto depressa estará na bancarrota. O que seria uma perda tremenda, sob vários aspectos. É isso que nós não queremos.

Com a nova organização, com o apoio técnico e financeiro do Governo, espero que brevemente possamos estar a carburar em pleno, unidos às outras Cooperativas, mas com a suficiente autonomia que nos permita ter nas mãos os nossos próprios problemas... e suas soluções.

★

Assim vão as coisas pelo DOMUS. Tais são as dificuldades junto do movimento cooperativo. Convém estarmos todos muito conscientes delas. O Cooperativismo é coisa importante. Coisa que não pode morrer.

O Governo tem uma palavra a dizer. Aliás, a Constituição aponta para aí...

# RASCUNHOS

Tal qual a fama de uma conhecida beveragem alcoólica, já vem de longe o ser imprescindível a qualquer romaria que se preze a apresentação de uma ou mais bandas de música. Bandas de música que contam entre os romeiros apreciadores incondicionais, mau grado, no caso de muitos, não serem capazes de distinguirem um fá de um dó, ou sequer saberem se as melodias sopradas pelos instrumentos são de algum famoso compositor ou do mestre da banda da freguesia vizinha.

A história que vou contar já a conheço de pequenino e creio que a sua localização no tempo não andarão muito longe dos princípios do nosso século.

Houve uma festa qualquer numa freguesia vizinha de Espinho. Os seus ingredientes eram os habituais: missa solene, sermão, foguetes e bandas de música. Junto aos coretos ou coreto, juntavam-se os melómanos locais, com ar circunspecto de conhecedores profundos e apreciadores idem aspas. Um deles deambulava por

entre os presentes e no fim de cada execução musical tratava de saber a opinião deste e daquele, isoladamente. Quando alguém lhe dizia que a banda era boa, que a execução era perfeita, acenava a cabeça em assentimento e dizia: «Esta banda é grandiosa». Mas se calhava de encontrar pela frente um crítico ácido para quem a banda era uma porcaria, desafinada, dissonante, então o nosso homem franzia o nariz, tomava um ar duro e sentenciava: «Esta banda é sarrafaçal».

Nos tempos que corremos ainda haverá quem dê estas classificações das bandas consoante a pessoa com quem dialoga. Talvez haja. O que temos a certeza é que há muito boa gente que, em casos de muito maior monta, que até são importantes para o seu e nosso futuro, por conveniência ou cálculo pessoal, classifique ou de sarrafaçais ou gradiosos os acontecimentos, os programas e as ideologias sempre fazendo de eco a quem com ela faz apreciações.

Carlos P. Morais

## Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

## Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE

## Porque falta a carne?

Uma situação preocupante, verificada diariamente nos balcões superlotados de clientes, da qual o consumidor é o mais prejudicado.

O que origina a restrição de carne?

Como vêm os talhantes esta situação?

Eis o que quisemos saber. Dirigimo-nos para isso ao Talho Central onde pudemos entrevistar os srs. Joaquim Raimundo e António Gonçalves.

«M. V.» — Porque falta a carne nos talhos?

— Ora a carne falta porque a Junta não autoriza que se abata aquilo que nos é necessário. Nós, aqui, vendemos em média três bois por semana e só podemos abater um e meio. Não temos conhecimento das razões e porquê dessa decisão da Junta, simplesmente é uma ordem e temos que a cumprir.

Mas note-se que há talhos cuja venda semanal não excede os dois e, no entanto, abatem quatro e cinco animais. Algo está mal...

A Junta é que devia fiscalizar tudo isto. Por exemplo, temos conhecimento de que estão a sair bois para fora e isso não está, de modo algum, correcto porque está-se a prejudicar o comércio local, o povo de Espinho. E não só isto está mal. Vejamos, em relação aos preços: se formos a limpar a carne perdemos mais de 20\$00 em quilo e, é claro, quem perde é o consumidor. É-nos impossível proceder de outra forma e os clientes, pelo menos aqui, reconhecem que estamos a trabalhar honestamente.

«M. V.» — Há quanto tempo esta situação se verifica?

— Esta situação já se mantém há cerca de um ano...

«M. V.» — As entidades competentes terão alguma razão especial para tomar estas medidas?

— Nós, concretamente, não temos conhecimento do que se passa.

Se houvesse um entendimento entre todos os talhantes é natural que esta situação já tivesse andado um pouco para a frente.

Já tem havido reuniões e as opiniões são diversas; uns dizem que o negócio dá, outros que o negócio não dá...

Nós, os novos, os que têm negócio há pouco tempo, ainda somos os que temos feito mais pressão para isto avançar.

«M. V.» — Acaso inclui a falta de géneros, neste caso a carne, nas tão faladas medidas de austeridade?

— Acho que não mas, se de austeridade se trata, deveria ser para todos e não só para alguns.

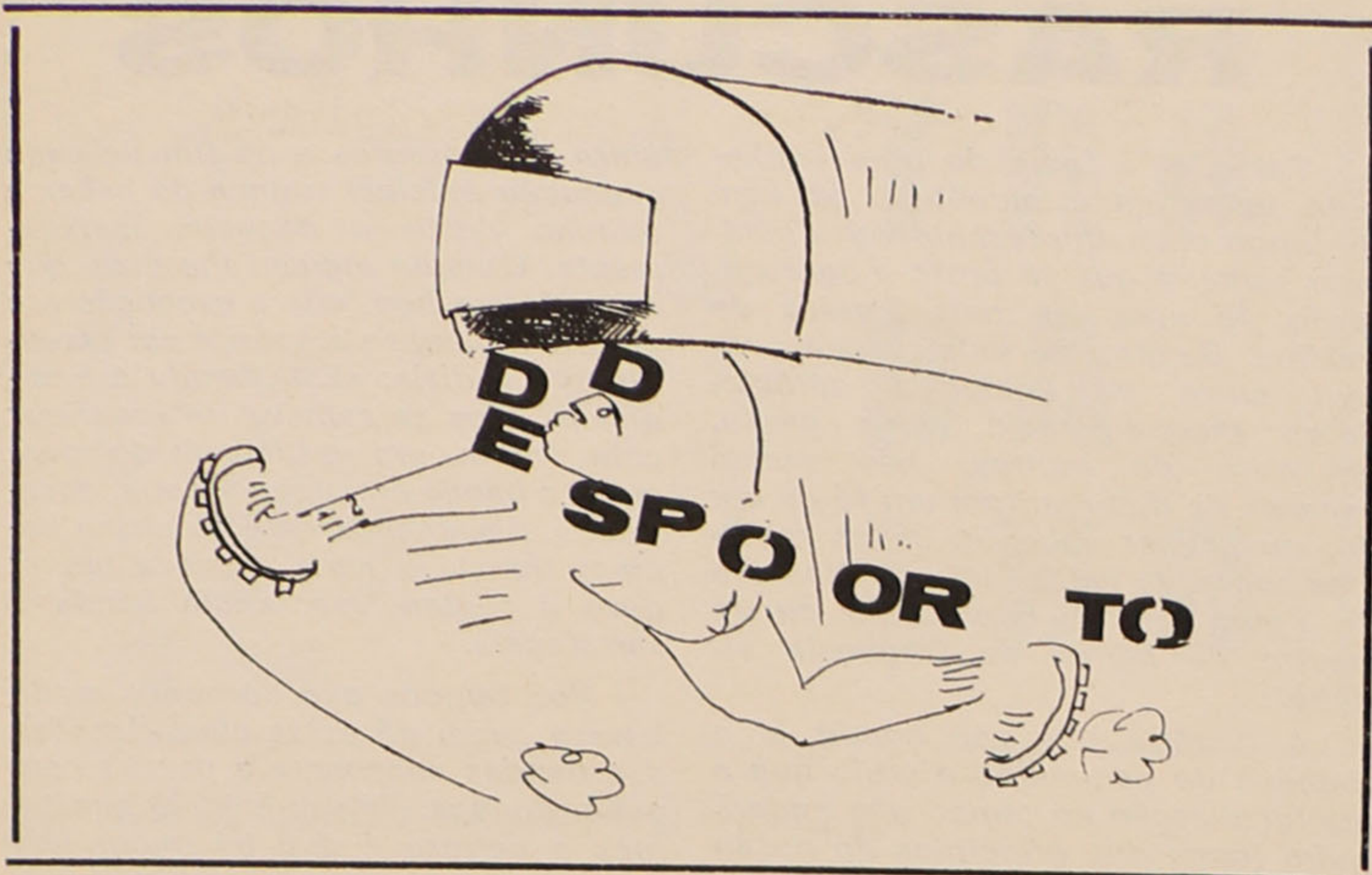
É muito triste virem cá as pessoas e não termos o necessário para vender...

E é tudo...

NOTA:

Entretanto, foram levantados, pela Direcção de Fiscalização das Actividades Económicas, autos por especulação, a vários talhantes do Mercado de Espinho.

O assunto voltará a merecer a nossa especial atenção.



## Torneio de Futebol da Costa Verde

### O TOMAR DO PULSO

A surpresa dominou este torneio que opôs quatro equipas que se sabiam transfiguradas em relação à última época, mas de que, apesar de tudo, se esperavam comportamentos muitos próximos dos habituais.

E a surpresa começou logo no primeiro encontro com a eliminação do clube organizador pelo Feirense, a quem muito reservariam como certo o quarto lugar na prova. Terá sido um rude golpe de êxito financeiro da organização, mas disso Feirense (e o Espinho?) não se terá importado muito.

Foi ainda surpresa a eliminação do outro finalista «designado», o primodivisionário Beira Mar, pelo Lusitânia de Lourosa que apareceu privado de alguns dos seus melhores valores do ano transacto.

A última jornada não fugiu à regra. O S. C. de Espinho conseguiu bater o Beira Mar, com uma exibição que o jogo de quinta-feira não deixava adivinhar.

Mas para além dos resultados, das classificações, este torneio serviu fundamentalmente para a rotação das equipas com vista aos seus próximos campeonatos e permitir ajuizar das perspectivas que se lhe oferecem. E nós aproveitamos para tirar já algumas conclusões, conscientes dos riscos que esta altura da época apresenta.

#### ESPINHO: PROGNÓSTICO RESERVADO

É realmente difícil prever a carreira do S. C. de Espinho, tão diferentes foram as duas exibições. Preferimos acreditar que o valor da equipa deverá ser aferido pelo encontro com o Beira Mar, tão decepcionante foi a noite de quinta-feira. Então, foi flagrante a indisciplina táctica, a desorientação e o desacerto da maioria dos jogadores espinhenses. No sábado, a movimentação foi outra, com o meio campo mais regular e o ataque a dar uma ideia do que pode vir a fazer. Mas vamos por partes.

O guarda-redes Serrão, que tão inseguro se mostrara no primeiro jogo, teve maior acerto no segundo, revelando que pode oferecer confiança, embora não desse a ideia de dele se poderem esperar as «defesas impossíveis».

A defesa terá nos centrais o maior problema. Tanto Simplício como Gonçalves não estão em forma, e não corresponderam à fase de acerto global da equipa, oscilando

demasiado na fase final do encontro com o Beira Mar quando a superior preparação física dos aveirenses se começou a impor. Atenção a Pereira... Ribeirinho e Raul prometem, cumprir como laterais, o mesmo não se podendo dizer de Casianheira que não justificou a sua transferência.

No meio campo, Vaqueiro (excepcionais pés) e Gentil (a ganhar esclarecimento) foram positivos no balanceamento do ataque. O mesmo não se poderá dizer de João Carlos (um caso de má forma flagrante) e de Alemão, que terá de lutar muito para conquistar um lugar na equipa.

No ataque, Reis é um bom jogador, mas não pode jogar desapoiado como sucedeu contra o Feirense. Bastará ver como pôde mostrar as suas aptidões em combinações com Vaqueiro, Malagueta e Serrão, que jogando rente ao solo confundiram por diversas vezes a defesa do Beira Mar. Serrão, sendo um jogador que vai a todas (o terceiro golo foi um merecido prémio para o seu esforço) não é de modo algum um elemento de menos técnica e revela especiais gratidões para o jogo de cabeça. O que já não se via por Espinho desde alguns anos. Malagueta parece descrente, mas pensamos que continua a ser insubstituível. A atestá-lo o modo como «ofereceu» o primeiro golo a Reis e o segundo a Serrão, e que pode ser um bom estímulo para que acredite mais nas suas possibilidades. Já agora uma pergunta: quem são os avançados suplentes?

Em suma, há bastante trabalho para Mário Morais, nomeadamente no que se refere à preparação física dos jogadores que é ainda bastante deficiente. A produção da equipa pode melhorar e assegurar um bom campeonato. Repetir o êxito de 73/74...? Muito difícil.

#### FEIRENSE: UMA EQUIPA «JEITOSA»

Esta equipa surpreendeu tudo e todos. Do meio campo para a frente conta com elementos de boa execução técnica, que praticam um futebol miúdo, de pequenos passes e bonito de se ver. Destaque para Bite, Parra e Dario que se salientaram pelos seus pormenores de execução.

A defesa não compromete, mas tem a «pecha» de abusar do jogo mais ríspido, que atingiu a violência contra o Lourosa, que também teve nesse aspecto grandes responsabilidades.

## A «VOLTA» EM ESPINHO

Volta a Portugal em Bicicleta, 23 de Agosto, uma etapa de 134 kms. com 64 ciclistas em prova. O início em Vila do Conde, a meta final em Espinho.

Daí que a nossa cidade tenha sido agitada no final da tarde por um movimento pouco usual. As pessoas que, nesta época de veraneio, costumam concentrar-se na esplanada, nos cafés e nas praias, invadiram a parte de cima da cidade, mais concretamente a Avenida 24. E permitimo-nos aqui abrir um parêntese para fazer notar que a escolha desta artéria de grande movimento como recta final da etapa, não terá sido a mais acertada, já que foi complicado por completo o trânsito, que se tem tentado nacionalizar.

Dum lado e doutro, um disforme aglomerado de braços, pernas e cabeças, de pessoas buscando uma nesga de espaço onde se colocarem para poder assistir à chegada dos ciclistas.

E não houve tempo para desesperos já que iam vinte minutos de

adianto sobre a hora prevista, António Valente do Lousã corta a meta. O arrebentar de aplausos, e o desfilar contínuo de ciclistas, de carros de apoio, de forças da ordem. Aqui e ali o público reconhece as vedetas e aplaude com mais força. «Olha o Firmino Bernardino!», «Olha o camisola amarela!». O vencedor protesta contra o que considera certas incongruências duma Volta que se diz de características amadoras. «Se a Volta é para amadores como se explica que haja multas em dinheiro?». António Valente, serralheiro mecânico que pedala apenas nas férias, um vencedor que apesar de rodeado por todos os géneros de admiradores, não perde a oportunidade para protestar contra o que considera injusto.

E as pessoas vão debandando, esperando apenas para assistirem ao cortar da meta pelo último classificado, rosto marcado pelo sofrimento e pelo desespero, pela ilusão atropelada para tantos quilómetros percorridos.

## O ciclismo ama a dor?

A «Volta» deste ano é diferente, dizem. Não sei quê de os ciclistas serem todos amadores, de assim a corrida ser mais verdadeira, mais desportiva, uma vez que acabaram os «grandes campeões» profissionais. Porque o desporto amador é que é bom, esse é que interessa propagandear. É das tais coisas com que até nem custa uma pessoa concordar: nada de dar a sua corridinha por amor ao dinheiro, mas sim por gosto pela boa forma física, pelo prazer de exercitar os músculos. E ver toda a gente, novos e velhos, homens e mulheres, a praticarem a sua modalidade favorita, divertindo-se de maneira saudável e útil.

Mas... o pior é o resto. E o resto conta-nos, por exemplo, o Miguel Magalhães, ciclista amador na edição deste ano da «Volta», e que por sinal foi o último a atingir a meta em Espinho:

— Tenho tido muitos problemas com a assistência que devíamos ter e não temos, tanto técnica como médica. Olhe, para correr tive que pedir a bicicleta emprestada, pois nem isso tinha. Não tínhamos massagista nem mecânico, passamos só a contar com isso a partir de agora. As condições são as piores, como pode imaginar.

A gente ouve isto e começa a duvidar. Não do desporto amador ter interesse, isso não, mas de que se fale a sério quando se defende o desporto amador como ele é praticado pela maioria dos ciclistas que andam nesta «Volta». Sabemos que sempre haverá os que argumentarão provocadoramente com o tempo da baliza às costas. Mas, francamente, quando é que poderemos deixar de carregar com toda uma série de situações que, também no desporto, têm impedido o povo que somos de mostrar o que vale e desenhar um futuro melhor?

Atendendo ao valor demonstrado e ao facto de a sua Zona Centro parecer a menos difícil auguramos-lhe uma boa carreira no próximo campeonato.

#### LOUROSA: A SANGRIA PRODUZ EFEITOS

O Lourosa apresentou-se diferente e para pior. O que não admira se atendermos à quantidade e qualidade de jogadores de que se viu privado. A categoria de Ezequiel, Ramos e Vítor (uma surpresa) não disfarçam uma quebra de recursos, que não de espírito de luta (sem exageros, espera-se) que continua a ser uma característica, que pode vir a compensar algumas deficiências. De salientar a excelente condição física que ia fazendo virar o resultado na final do torneio. O que não vai chegar para que se repita a excelente prova da última época.

#### BEIRA MAR: UM DOS QUATROS ?

Como se sabe, na próxima época serão despromovidos os quatro últimos da primeira divisão. E o Beira

Mar é um sério candidato, a avaliar pelo que lhe vimos. Foi na verdade uma equipa demasiado discreta, com uma defesa muito frágil e um ataque quase inofensivo. O meio campo com bons elementos (Sousa é excelente até nessa posição) não deve chegar para as encomendas. Se não fosse a sua superioridade física e atlética, os aveirenses poderiam ter coleccionado uma derrota bem mais severa frente aos «tigres». Ou não teremos visto o verdadeiro Beira Mar?

E para fechar aqui ficam os resultados para a história:

Quinta-feira, 26  
Feirense, 1 — Espinho, 1 (4-2, g. p.)  
Sexta-feira, 27  
Lourosa, 2 — Beira Mar, 0  
Sábado, 28  
Apuramento do 3.º e 4.º lugares  
S. C. de Espinho, 3 — Beira Mar, 2  
Final  
Feirense, 3 — Lourosa, 2

# Maré - rua

Chuva? — Mais vale tarde que nunca!

... E tínhamos nós uma «Maré - Rua» muito especial para fazer na terça-feira, 24, de manhã (que aliás será apresentada num dos próximos números)! Como o leitor se recordará (ou tê-lo-á já esquecido?) foi mesmo nessa precisa manhãzinha que todos nós, espinhenses, fomos brindados com uma destas chuvadas... Como não se tinha visto em todo o Inverno!

«Eu sei lá! Andei por Espinho e pelo Porto e em ambas as cidades existia o mesmo cenário: ruas (?) cheias de água, autênticos rios! Mal se podia circular...». Mas o Francisco Pinho apon- tou também o outro lado da forte chuva: «Bem, o problema do nível das barragens, creio que pouco melhorará com esta chuva. Agora a agricultura e muito especialmente as uvas vão lucrar imenso com ela».

«Eu cá sou analfabeto; não sei nada dessas coisas; mas chuva... nem se discute! Estava tudo muito seco! Só foi pena não vir mais cedo. Assim a uva vai melhorar e amadurecer».

E mesmo essas barragens, e a energia eléctrica... Foi muito bom, foi. Nem se discute!».

E mais não disse o sr. José Madanos (e não foi pouco...). E o sexo feminino? Partilharia das mesmas opiniões?

«Olhe, foi mesmo formidável! Eu sei lá... Tudo lucrou: a energia eléc-

trica, através das barragens, a agricultura... Só foi bom!».

Bem, não podemos dizer que o depoimento da D. Júlia trouxesse novidades às anteriores respostas. Tentamos encontrar quem não tivesse gostado tanto da chuvada e por fim... «eureka!». Fomos em direcção ao Parque de Campismo... (estão a ver não estão?).

«Olhe, os estragos não foram assim tão grandes como se poderia calcular. É certo que tudo ficou encharcado, mas os campistas defenderam-se bem da água. O escoamento da água foi até muito ajudado pelo sol que fez à tarde».

Mas, claro, não foi nada agradável. Aliás provocou a partida de vários campistas».

Eram estas as palavras do sr. José Ferreira, que estava ao balcão do bar do Parque de Campismo e que colaborou afavelmente connosco. E continuou:

«Pessoalmente tive alguns problemas aqui no bar: as caleiras do telhado de zinco estavam entupidas com as folhas das árvores e entrou muita água. A nível nacional, não posso falar acerca da utilidade da chuva...».

E depois de toda esta humidade (em Agosto, ó céus, em Agosto!) vamos mesmo acabar. Esperemos que os problemas da seca que assustam toda a Europa sejam minorados com esta e com mais chuvadas de igual calibre. Mas de preferência, que venham durante a noite! Com os diabos, não nos estraguem a reportagem...

## TRABALHO

### MOSELOS — MUDANÇA NO (RELVAS)

(Continuação da 4 página)

No dia seguinte, terça-feira, pela manhã, o patrão compareceu na fábrica. Alertado, o Sindicato enviou lá um representante. Na presença deste e ainda dos srs. Sequeira e Rios, ficou claro que a responsabilidade do sr. Vitorino na firma só cessava no dia 31 de Agosto, e foi feito um acordo entre as partes, após o que foi retomada a laboração.

Na tarde do mesmo dia, numa reunião previamente convocada para a delegação do M. T. em S. João da Madeira (à qual o sr. Vitorino compareceu notificado pela G.N.R., face ao seu comportamento anterior), foram reafirmados os termos do acordo feito de manhã que são os seguintes:

O sr. Vitorino Relvas Coelho compromete-se a liquidar todos os seus débitos aos trabalhadores, vencidos ou a vencer, até 31 de Agosto. Nestes incluem-se, indemnizações a todos os que entendam rescindir contrato com a firma, ou seja, não queiram trabalhar com o novo patrão.

Deverá também dar a conhecer, aos trabalhadores, os termos exactos da passagem da firma e, como é óbvio, pagar o tempo (dia e meio) de paralisação.

A nova administração deverá garantir: a manutenção de todos os postos de trabalho, o cumprimento da Regulamentação colectiva de trabalho e demais legislação aplicável e, questão importante, que não fará perseguição aos trabalhadores em razão da sua tendência político-partidária.

Os trabalhadores não aceitam ser transferidos para qualquer outra empresa em que os novos patrões sejam gerentes ou mesmo proprietários.

Em nova reunião, marcada para o dia 30, no mesmo local, deverá ser assinado o protocolo de transição, na presença do Sindicato e da Associação Patronal.

Note-se, a finalizar, que nada impedia Vitorino Relvas Coelho de passar a firma e, portanto, nada aparentemente justifica o segredo e a tentativa de divisão dos trabalhadores. Apesar de tudo, parece encaminhada para bom fim uma situação que só chegou a ser caso devido à actuação um tanto estranha de um indivíduo. Se a tal se chegar, isso dever-se-à à actuação unida e responsável dos trabalhadores, apoiados pelo seu Sindicato, que assim ultrapassaram as dificuldades (criadas pela conduta de um patrão que se tentou furtar às suas obrigações) com o mínimo de prejuízos para a economia nacional.

## Exposição Fotográfica

SOBRE ASPECTOS DA VIDA EM

# CUBA

— CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO

— ANTES E DEPOIS

NO SALÃO DA PISCINA

Até Domingo, 5 de Setembro

Organização da ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL/CUBA

— ENTRADA LIVRE —

## MULHER

Já aqui o dissemos. Esta é uma secção que trata problemas e questões que se deparam na vida da Mulher. Da mulher trabalhadora que, diariamente, vê ameaçada a segurança do seu núcleo familiar pelo aumento constante do custo de vida, pelas más condições em que a maioria habita, em suma, pela falta de estruturas capazes de aguentar e apoiar uma vida condigna de seres humanos que somos.

Julgamos ser interessante e necessário ver aqui tratado o problema da Mulher e o Trabalho. Dentro do vasto leque de profissões, verificar as suas condições de trabalho, as suas regalias, etc.

Iríamos já esta semana iniciar esta série de entrevistas e, como além de pouco vulgar é interessante, resolvemos dirigir-nos ali, àquela garagem de automóveis na Rua 62, falar com uma engraçada figura que despachadamente e com ar de «quem sabe o que faz» se «entretinha» na pintura dum automóvel.

É uma mulher. Cara aberta e sorriso franco para todos, a sr.<sup>a</sup> Alzira foi-nos respondendo.

«M. V.» — Bom-dia, sr.<sup>a</sup> Alzira qual exactamente a sua profissão?

— Pintora de automóveis.

«M. V.» — Quais os problemas inerentes à sua profissão?

— Olhe, um dos grandes problemas com que me debato agora é a concorrência dos biscateiros, que não são especializados, e que levam mais barato pois não tem que pagar impostos, caixa de previdência, etc. É um problema pois tenho empregados a sustentar e vejo-me à nora.

Além disso, os preços dos materiais subiram bastante. Mas em relação aos biscateiros tem que se ver esse problema pois, concordo que todos têm direito ao trabalho mas sendo assim as condições deveriam ser as mesmas para todos.

«M. V.» — Se não fosse esta profissão qual a que gostaria de ter?

— Eu, como mulher e pessoa, gosto muito desta profissão. Já trabalhei em várias coisas mas não me sentia bem, até chorava com saudades da minha arte... Porque isto não é uma profissão, é uma arte.

Não calculam o amor que ponho ao fazer os acabamentos, a perfeição que dedico a este trabalho. Hei-de morrer nisto. Trabalho por amor à arte, até já tive propostas para trabalhar fora do país mas eu não quis.

Do ferro-velho faço qualquer coisa bonita, útil.

Nas redondezas sou a única mulher a trabalhar nesta profissão, até é pouco vulgar em qualquer lado. Encaro todos os problemas com optimismo pois foi isto que eu, de facto, escolhi...

Sou patroa, tomei conta disto. Mas se me ficassem com isto eu até agradecia, dá muita canseira. Não tenho férias nem subsídio de caixa, nem nada. Nem reforma.

O que tenho são cem escudos de abono e porque estou agregada à minha filha. Os comerciantes têm regalias mas nós, os pequenos e médios industriais, não. Isto está mal. A pequena e média indústria devia ser nacionalizada.

Estou a pagar 6 e 7 contos aos meus empregados e, acredite, para mim tiro só cem escudos diários. Precisava de benefícios, de assistência médica, de reforma, etc.

No que respeita a operários não tenho a mais pequena coisa a dizer dos meus. Compreendem bem os problemas e o sacrifício que faço para lhes poder pagar certinho todos os meses. São de facto bons operários.

Gosto mesmo muito disto e até tenho um filho que é pintor de automóveis de «se lhe tirar o chapéu»...

É só? Estou à vossa disposição...

Esta é a tua secção.

Será sempre com satisfação que acolheremos qualquer questão, ou sugestão, que aqui queiras ver tratada.

É um apelo, precisamos dum jornal «vivo». Colabora.

## Rubi

RELOJOARIA ■ OURIVESARIA

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 — Telef. 920592  
ESPINHO

## J. PINHEIRO DE MORAES

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

## MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º — Telef. 921014

## PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

# Chegou o Circo

A armação, a lona, a música estridente e interminável, as luzes multicolores, a base do espectáculo a que se convencionou chamar circo. Seres verdadeiramente fabulosos, rotulados como os melhores do mundo, deixam em nós a dúvida e invade-nos a superstição. Artistas que se subdividem em vários, de vestes e nomes diferentes, transformando-se de ilusionista em acrobata, de aramista em palhaço. O sonho da criança que pela mão do pai ou do avô, quer ser igual ao trapezista ou ao domador de feras.

O circo ou o espectáculo itinerante, uma vida entre música, luzes, «roulottes», algumas quedas, algumas alegrias, a fome ou a abundância passageira. A tradição transmitida de pais para filhos, criando aquilo que para as gentes do circo é muito importante: o sentido de família.

Os palhaços, os grandes narizes,

o saxofone, as bofetadas, as cambalhotas, as anedotas de cara pintada, as calças que caem, o riso que se quer provocar.

O circo um mundo de sonhos construídos numa pista, com música trepidante, luzes, e vestes multicolores, o apresentador que tece os mais variados elogios ao artista em exibição, a «partenaire» dançando, a dificuldade real e aparente do número, os aplausos, as bancadas repletas, ou a angústia das cadeiras vazias.

O circo um género muito peculiar de espectáculo, onde tudo é carregado, exagerado. Onde se mistura algo de teatro, de «music-hall», de saltimbancos. Um espectáculo, ainda que aqui e ali vá ganhando um carácter elitista, continua a ser tipicamente popular, fascinando as populações, que despindo o rosto suado do trabalho, continuam a acorrer a este mundo de ilusões.

Espinho tem sido fértil em estadias de companhias de circo. Contando-se com este último, *Billy Smart Circus*, já tivemos oportunidade de assistir a cinco espectáculos diferentes, Americano, Super Texas, Bruxelas e Circo Portugal. Foi com estes últimos que mantivemos alguns contactos que nos permitiram adquirir novas ideias acerca do que é o mundo do Circo.

«Em Portugal existem mais de quarenta companhias de circo, umas mais pequenas, outras de maiores dimensões e possibilidades. Nós não temos pretensões, somos todos portugueses, não inventamos vedetas estrangeiras nem as contratamos. Não as inventamos porque nos parece desnecessário e ridículo dizer que um artista é americano ou húngaro, se ele é português. Não os contratamos porque em primeiro lugar são bastante caros, em segundo porque os de preço acessível são de fraca qualidade. A Companhia do Circo Portugal é constituída quase na sua totalidade por elementos da família Torralvo, quatro irmãos, mulheres e filhos. Só eu, os músicos e o Cardinal somos de fora e, é claro, os empregados. É portanto um espectáculo feito em família. Quanto a mim, depois de me casar com uma artista de circo, larguei a minha profissão de estufador, comecei como ilusionista, fiz também de «cara branca» numa parilha de palhaços, luminotécnico e agora apresentador. Estive em Itália durante algum tempo, depois de ter deixado o Circo Mariano, vim para cá até porque me sinto em família».

Declarações de Ernesto Moura, o apresentador, o homem que tenta envolver cada número dum cunho simultâneo de perigoso, de difícil, de fantástico. Os seus comentários, o seu estilo de apresentar cada artista terão um grande peso na reacção do público. Será ele que irá criar o ambiente propício para uma boa quantidade de aplausos.

«Só tenho a 4.ª classe, sendo obrigado a aprender comigo próprio. Qualquer palavra que ouço e não conheça o seu significado

vou procurá-la no dicionário. Só assim poderia depois aplicá-la».

Música, luzes vermelhas, a orquestra (um organista, um baterista e um violoncelista) inicia as suas funções. Começa o desfile!!! É o início de mais um espectáculo, de mais uma sessão de trabalho. Os números seguem-se: aramista, controcionista, equilíbrio em corda bamba, aplausos, música trepidante e mais uma vedeta em exibição.

Cá atrás, os filhos mais pequenos que ainda não podem entrar na pista, choram e brincam, o António Torralvo (aramista e palhaço) suspira fundo pois esteve prestes a estatelar-se, quando do seu número no arame. A filha, Carlota Torralvo, nascida no Hospital de Espinho em 4/5/60, vai executar o seu número em cilindros giratórios. O facto de ser natural de cá, irá ser aproveitado para sensibilizar o público.

«Comecei a trabalhar aos cinco anos, ensaiando desde os quatro. Considero o meu número arriscado mas gosto de o fazer. Aos 7 anos o rolo de ferro caiu-me numa perna ficando bastante magoada. O público sabendo que eu sou de cá tem-me recebido bem. Hoje a casa tem pouca gente, o que me dá menos vontade para trabalhar, mas tem que ser».

E o espectáculo continua.

Cardinal, ilusionista e o seu filho Paulo, mentalista, actuam como grandes atrações.

«Somos talvez uma espécie de motor de arranque para esta companhia, que necessita de singrar. Eu sou jornalista profissional, no «Jornal de Notícias», mas gosto mais de trabalhar em circo. Sou também profissional da arte mágica. Temos trabalhado em vários casinos, nos Estados Unidos e Canadá, contratados pela «Penco Record Campany» e obtivemos em 1973 o 2.º lugar no Festival de Artes Mágicas da Figueira da Foz».

Mas esta experiência de trabalhar em circo fascina-me. Aqui por exemplo, estou a ensinar os miúdos a ler, a libertá-los da

## GAZETILHA CHOVEU!

A estiagem prolongada,  
O Verão tórrido que passa,  
A grande seca que grassa,  
As albufeiras sem nada,  
Tanta turbina parada  
Que já não gera energia,  
Que tem de ser importada  
E ser paga com divisas  
Tão raras e indecisas...  
Os mananciais sumidos,  
Imensas calamidades!  
— Negra tristeza que invades  
Os corações oprimidos!...

Há três dias, finalmente,  
Lá começou a chover;  
Não ininterruptamente,  
Mas já com seu aguaceiro  
E ribombo atoador  
De trovão prometedor...  
Cedo, pra ser a valer,  
Que o Inverno inda vem longe,  
Com o seu capuz de monge.  
Mas, enfim, luz uma esperança  
De que, as linhas d'água a encher,  
Ainda hão-de fazer  
Com que essa poça de papas  
Que é o Rio Largo no Verão,  
Possa engrossar na ilusão  
De ter caudal e pujança  
Pra ser um rio pimpão  
Como esses que vêm nos mapas...

Mas só a chuva não basta  
Pra nos tirar de cuidados,  
Porque a chuva não arrasta  
Tantos problemas criados:  
Não se encham as albufeiras  
Com três meses d'água mais...  
Mas crescem de outras maneiras  
Os dissídios sociais  
... E até acodem às feiras  
A droga e os marginais.  
Chegue-nos depressa a cura  
Da doente Economia,  
Mantendo com mão segura  
A Paz e a Democracia  
Vamos! Ninguém se arme em esperto,  
Querendo aumentar o «rol»...  
Toca a puxar tudo certo...  
Faça chuva ou faça sol!

Alberto Barbosa (BEKA)

marginalização a que a sociedade os submete. Quanto ao meu trabalho com o Paulo (transmissão de pensamentos) é fruto de disciplina, de trabalho, não é nada de sobrenatural, não cura doenças como outros pretendem fazer acreditar».

Muitas mais questões nos surgem destes contactos com o Circo Portugal. Os palhaços, a não variedade de piadas, de «gags», fruto da falta de quem escreva especifica-

mente para eles, mas o continuar como reis do circo, como aquilo por que todos esperamos.

O circo, um mundo que afinal também não é só de fantasia, de irreal, mas que está carregado dos problemas que minam a nossa sociedade.

Uma visita ao circo, um simultâneo prazer e um despedaçar de sonhos de criança.

## CINEMAS

### S. PEDRO

Dia 1, Quarta-feira — «Justiceiro Amarelo» — Maiores de 18 anos.

O «Kung-fu», género de filmes feitos em série, sem o mínimo de qualidade exigível, continua a invadir as nossas salas de espectáculos. Daí se pode concluir que também o mau é boa fonte de receita.

Dia 2, Quinta-feira — «Funny Lady» — Maiores de 13 anos

Barbara Streisand é grande vedeta desta superprodução «made in Hollywood». A tentativa de repor em grande plano o filme musical por parte da indústria cinematográfica americana, ou uma película que não passará somente de agradável.

Dia 3, Sexta-feira — «Reflexos num Olho Dourado» — Maiores de 18 anos.

Elizabeth Taylor e Marlon Brando, dois bons actores do cinema americano num filme de John Huston. Arriscar talvez seja a solução.

Dia 4, Sábado — «Segundos para uma Fuga» — Maiores de 13 anos.

Emoção a rodos, pancadaria e a figura de Charles Bronson em mais um filme onde os ingredientes se repetem, para nada comunicar à plateia.

Dia 5, Domingo — «O ABC do Amor» — Maiores de 18 anos.

Uma comédia de Woody Allen? Um filme que foge das habituais imbecilidades. A ver!

Dia 6, Segunda-feira — «Carga Perigosa» — Maiores de 18 anos.  
Se é perigosa por que arriscar?

Dia 7, Terça-feira — «Brincando com o Fogo» — Maiores de 18 anos.

A actriz de «Emanuelle» envolvida em mais uma série de cenas eventualmente chocantes, ou o cinema explorando a mulher como objecto de prazer.

### CASINO

Dia 1, Quarta-feira — «A Mais Brava Vingança» — Maiores de 18 anos.

«Lutas de extrema violência...» ou mais um «Kung-fu»!

Dia 2, Quinta-feira — «Noitadas de Paris» — Maiores de 18 anos.

E pronto, estamos condenados. Ou sexo ou «Kung-fu», ou comédias que não fazem rir ou violência. Será que neste mundo não se fazem outros géneros de cinema?

Dia 3, Sexta-feira, às 15,30 horas — «Carrossel Walt Disney» — Maiores de 6 anos.

Uma das poucas hipóteses de as crianças também poderem ver cinema, que diga-se de passagem não é do mais apropriado, mas...

Dia 3, Sexta-feira, às 21,30 horas — «Chinatown» — Maiores de 18 anos.

Roman Polansky consegue dar-nos um óptimo tratamento duma história policial, aparentemente sem grande interesse. As interpretações de Jack Nicholson e Fay Dunaway estão ao mesmo nível.

Um oásis neste deserto cinematográfico que percorremos.

Ainda que em reposição, vá ver!

Dias 4 e 5, Sábado e Domingo — «Verdade Interdita» — Maiores de 13 anos.

Será que o filme merece dois dias de exibição?

Se não tiver mais nada que fazer, talvez não perca totalmente o dinheiro e o tempo gasto.

Dia 6, Segunda-feira — «Para Nós é Canja» — Maiores de 13 anos.

Deve ser uma canja bastante indigesta!